

Além dos conflitos envolvendo a legislação ambiental, foram identificados outros pontos conflituosos na comunidade. Um deles diz respeito à apropriação das beiras de rio por pessoas que proíbem a entrada de terceiros, seja pela construção de muros ou simplesmente com placas de aviso (Figs. 24 e 25). Esta prática é realizada tanto por pessoas da comunidade, como por pessoas de fora.



Figuras 24 e 25: Apropriação particular de beiras de rio

Outro foco de conflito identificado foi a questão da mudança na paisagem provocada principalmente por pessoas que chegam, vindas da cidade com outra concepção territorial e passam, não só cercar sua propriedade, mas também murar a beira do rio e plantar gramados (Fig. 26 e 27).

Os moradores mais antigos são acostumados a utilizar cerca apenas para prender a criação e não cercar toda a propriedade. Muitos não gostam do que está acontecendo e acham que isto é mais um sinal de que realmente as antigas tradições estão se perdendo. Assim como, a utilização de agrotóxicos por parte de alguns agricultores locais, que também tem provocado conflitos entre os moradores e é um resultado das fortes transformações que o campo tem sofrido.

Conciliar todos os interesses com fim de resolver os conflitos, com certeza é um grande desafio, principalmente para os órgãos públicos que são responsáveis pelo ordenamento territorial. Contudo é necessário que estes órgãos incluam a população local, pois existem diversas necessidades e demandas entre a população rural que não

podem, e não devem, ser deixadas de lado pelo poder público, sob risco de se instalar problemas sociais e econômicos não previstos pela legislação ambiental.



Figuras 26 e 27: Cerca que percorre um longo trecho da principal estrada e gramado à beira do rio Macaé cercado por muros

### 3.4 Como a questão ambiental é percebida pelos agricultores

Muitas vezes a essência do conflito ambiental está no choque entre diferentes visões de mundo e diferentes concepções sobre a conservação da natureza. Neste sentido, foram feitas algumas perguntas que dizem respeito ao modo como cada morador vê a questão ambiental, à visão que cada um possui sobre a importância do meio ambiente e também sobre a floresta e as políticas de conservação.

A maioria dos entrevistados respondeu não saber exatamente o que seja meio ambiente, que é uma coisa que ouvem falar, mas não sabem definir.

O senhor José Frez é um que já ouviu falar de meio ambiente e até já participou de uma reunião do IBAMA em Lumiar, sobre o código florestal. Porém, praticamente não entendeu nada, pois segundo ele: “combinam tudo certinho lá dentro e quando acaba muda tudo. Eles sumiram, mas agora é a APA”. Para este morador a floresta é importante e segundo ele:

(...) nós tem isso aí, que nós criemo ela. Se nós tivesse devastado tudo também nós não tinha não. Essa beira-rio aí, nós nunca dirrubemo (...) desde que eu nasci aqui essa beira-rio foi reservado. (José Frez)

É possível perceber, que as vantagens de se morar em Galdinópolis apontadas por muitos, tem a ver com a própria qualidade ambiental do lugar. Para Cristina qualidade de vida, sossego, “não tem dinheiro que pague”.

Eu acho que se a gente for querer manter essa qualidade de vida e, ter água potável pra beber eu acho muito legal, você também colaborar pra manter o ambiente em que você vive em boas condições. (...) Eu estou plantando árvore em tudo onde eu posso... na beira do rio, qualquer buraco que eu vejo eu to plantando alguma coisa. (Maria Cristina Frez).

A mãe de Cristina, dona Matildes (nascida e criada em Galdinópolis) nunca ouviu falar sobre agrofloresta, mas explicou que seu pai realizava a seguinte estratégia de cultivo:

(...) onde o papai queria fazer um bananal, ele plantava uma outra lavoura e já enfiava o bananal no meio, aí ficava ali e colhia. Mas, sempre ainda deixando as mudas das árvores, e aí quando a bananeira ficava velha, aquele pé de banana que ia envelhecendo mesmo, já virava adubo e a capoeira saía bonita, aí que crescia mesmo. (Matildes)

Para ela, a legislação ambiental é importante, principalmente para proteger as águas “que estão acabando”.

A gente ta sentindo uma diferença. (...) e o calor também. O tempo, não tem mais controle, num é? Cê vê, que o verão não é mais verão, o inverno as vezes não é inverno. Antigamente não tinha isso. (...) eu acho que é por causa dessas...desmatamento da Amazônia, que dizem que tão estragando tudo, camada de ozônio, tão destruindo tudo, poluição. A gente mesmo não fumando o pulmão fica preto. (Matildes).

Desta maneira é possível, perceber que mesmo não compreendendo muita coisa sobre o que significa meio ambiente, muitos moradores possuem uma noção sobre questões de qualidade ambiental. Apesar de haver um senso comum aprendido pela mídia, sobre o que seja meio ambiente, essas pessoas no seu dia-a-dia, a prática possui uma racionalidade ambiental, para utilizar o termo criado por Leff (2006).

Diante das mudanças promovidas pela aplicação das leis ambientais, muitos moradores estão desenvolvendo outros meios de garantir a geração de renda sem ter que sair de Galdinópolis. Como veremos a seguir, estas propostas buscam levar para o local um novo leque de atividades que buscam adaptar sustentabilidade ecológica e sustentabilidade social.

#### **4 EXPERIÊNCIAS DE ATIVIDADES ECONÔMICAS ALTERNATIVAS: APONTAMENTOS E POTENCIALIDADES**

Existem atualmente, inúmeras atividades e tecnologias que buscam manter uma harmonia com os ecossistemas e seus ciclos de reprodução. Tais atividades são consideradas como alternativas sustentáveis, ou seja, alternativas de trabalho e uso dos recursos naturais baseadas numa relação sustentável com o ambiente em todos os seus níveis. Muitas vezes, essas experiências estão sustentadas em práticas tradicionais, de uma época em que ainda não havia relações capitalistas e industrialização.

No Brasil, em vários locais são desenvolvidas essas experiências através da força de atores locais, que buscam nas raízes de sua cultura, a oportunidade de criar novas atividades econômicas. Ao mesmo tempo, também há novos atores presentes no meio rural, principalmente moradores vindos de centros urbanos, que acrescentam ao contexto agrário e florestal, novas idéias e experiências de utilização da natureza. Em Galdinópolis atualmente existem as duas experiências: a Oficina das Ervas e a Oficina da Folha.

##### **1) A Oficina da Folha**

Galdinópolis possui alguns moradores, que saíram da capital do estado do Rio de Janeiro em procura de melhor qualidade de vida. Entre esses moradores, está o casal Carlos e Valéria, que moram em Galdinópolis há vinte anos. Buscando desenvolver atividades que pudessem gerar um sustento para a família sem agredir a floresta, eles e mais um grupo de pessoas criaram o projeto “Laboratório da Floresta”, que tinha o objetivo principal de desenvolver a utilização sustentável da biodiversidade. Contudo, por causa de vários motivos, o grupo se desfez e o projeto que era muito amplo, não foi totalmente concretizado, apenas uma parte, que coube ao casal continuar desenvolvê-lo.

Esta parte que continuou sendo desenvolvida se divide em dois tipos de atividades: o setor de reflorestamento e produção de mudas, que se dedica em fortalecer a biodiversidade, principalmente de espécies úteis, através da criação de um horto em Galdinópolis; e a Oficina da Folha, que se dedica a valorizar a biodiversidade através da produção de diversos tipos de imagens da natureza.

O casal começou suas atividades em 1995 e atualmente já conta com dois sítios, um totalmente reflorestado, e outro em processo de reflorestamento, onde está instalado o horto (Fig. 28). Os planos para este horto é que ele possa se tornar no futuro próximo, um local de aprendizado em relação ao cultivo das plantas, no sentido mais prático, onde diversas experiências e maneiras de se manejar a biodiversidade possam ser desenvolvidas, com o objetivo de conservar ainda mais as florestas e suas potencialidades. A troca de mudas e sementes são práticas incentivadas pela Oficina da



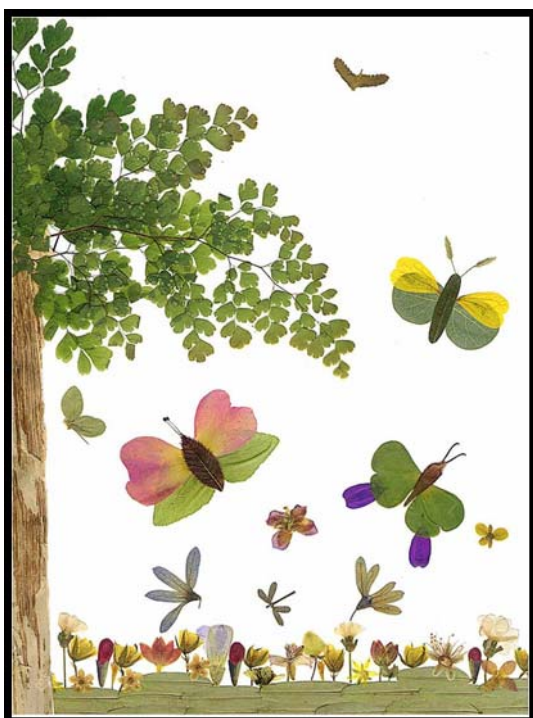
Folha, pois reforçam a variedade genética e a biodiversidade, e proporcionam a interação de uma rede de pessoas atentas à necessidade deste intercâmbio ecológico.



Figura 28: Produção de mudas e ao fundo área já reflorestada (Foto: Carlos Roberto, 2007)

O trabalho da Oficina da Folha também é baseado na coleta de imagens da natureza. Inicialmente, tais imagens eram produzidas através de colagens feitas com folhas secas prensadas e depois transformadas em quadros e cartões (Fig. 29). Com a tecnologia, a técnica avançou e as imagens passaram a ser capturadas com o scanner de computador (Fig. 30). A partir disso, passaram a produzir uma infinidade de diferentes imagens com composições de folhas, folhas, raízes, galhos, cascas e sementes. Assim, a riqueza da Oficina da Folha vem da variedade da natureza, de seus infinitos detalhes, que não precisam ser degradados para serem valorizados.

A Oficina da Folha já participou de feiras, congressos e realizou diversas exposições nas cidades do Rio de Janeiro (no Jardim Botânico) e de Nova Friburgo. Em todas as ocasiões, o público ficou muito admirado e também surpreso, pelo resultado de transformar folhas em paisagens, valorizar cada detalhe de forma e cor, de elevar à biodiversidade ao *status* artístico.



Figuras 28 e 29: A arte vinda da natureza (Acervo Oficina da Folha)

A Oficina da Folha conta hoje com um acervo composto por mais de mil imagens arquivadas em computador, que podem ser utilizadas para diversos fins. Atualmente, são produzidas pela própria Oficina da Folha camisas estampadas com folhas e flores, contudo, existe uma infinidade de possibilidades de uso dessas imagens por outras pessoas, físicas ou jurídicas. Segundo Carlos e Valéria, a grande vantagem é que as imagens podem ser produzidas dentro da comunidade, sem causar impacto nos ecossistemas locais, somente agregando valor à variedade de formas e cores que a natureza tem. Conforme escreveu, Jorge Mayer:

(...) é importante que mobilizemos nossa capacidade de modo a promover novos meios associativos de ação. Creio ser este o sentido da multiplicação de organizações da sociedade civil em defesa do ambiente, de proteção da flora e fauna e de sua utilização sem destruição através do Manejo Sustentado.

Este é o sentido do Laboratório da Floresta e da Oficina da Folha, criados em plena Mata Atlântica, no município de Nova Friburgo, que vem lutando para incrementar o amor às plantas e sua incorporação à vida cotidiana. (MAYER, 1998).



## 2) A Oficina das Ervas Naturais

A Oficina das Ervas Naturais (OEN), é uma iniciativa de mulheres que começou suas atividades no ano de 1998, por meio da prática tradicional do plantio de ervas. Galdinópolis vive basicamente do plantio do tubérculo inhame, cuja colheita ocorre uma vez ao ano e é realizada pelos homens. Diferentemente, a colheita das ervas é mensal, gerando um ganho constante, e é culturalmente desenvolvida por mulheres como por exemplo as irmãs Cristina e Nelma Frez, que cultivam por meio de agricultura orgânica e sistema agroflorestal, as plantas para produzir chás e produtos artesanais que elas e outras amigas manufaturam.



Figuras 30 e 31: Casa da Oficina das Ervas e ervas secando ao sol

Cristina e Nelma, que são nascidas em Galdinópolis, criaram a OEN em 1998 com o objetivo principal de “gerar trabalho e renda para a comunidade de Galdinópolis e adjacências, por meio do plantio de ervas orgânicas, respeitando os ecossistemas na preservação da água e do solo” (SEBRAE, 2007). Hoje, o plantio orgânico, a colheita e o processamento das ervas são realizadas pelas irmãs e por mais cinco pequenos produtores da comunidade, estes últimos de maneira inconstante.

Atualmente o grupo trabalha com aproximadamente 70 tipos de ervas, plantadas em diversos lugares da comunidade. O trabalho da OEN é dividido também em dois setores interdependentes: produção de ervas secas e embaladas (saquinhos de 15g) para venda - este processo envolve colheita, secagem (energia solar) e empacotamento - , e o outro setor é o artesanato, feito principalmente com fibras naturais, como a taboa,

uma planta muito abundante em áreas alagadas e brejos, e que quando seca fornece um material forte, podendo ser tecido a mão e em teares manuais.



Figuras 32e 33: Taboas verdes colhidas e taboa seca tecidas no tear manual. (Foto: Marcus Vinícius, 2007)

Tradicionalmente, em vários locais do Brasil, esta planta é utilizada para fabricar esteiras, e na OEN, além de esteiras elaboradas também se produz bolsas de vários tamanhos, chinelos, caminhos de mesa, redes, almofadas e pufes (feitos com garrafa pet). São mais de trinta produtos manufaturados e vendidos em lojas do Rio de Janeiro, Nova Friburgo e redondezas (Lumiar e São Pedro da Serra). Também se produz toda uma linha de almofadas, chinelos e tapa-olhos recheados com misturas de ervas aromáticas.

A gente começou fazendo uns trabalhinhos que a gente fazia pra fora. Depois começamos a fazer umas peças pra nós mesmas e oferecendo de porta em porta, de pessoa em pessoa. Aí fizemos um desenvolvimento com o SEBRAE (...), o *desing*, aí a gente já conheceu mais um monte de gente, participamos de algumas feiras e basicamente no boca a boca. (Cristina Frez).

Na comunidade existe todo um conhecimento tradicional sobre o plantio e a utilização das ervas naturais. No desenvolvimento de capacidades, a OEN e os demais produtores aprendem mutuamente por meio da troca de conhecimentos no decorrer do trabalho. Nenhuma oficina de capacitação é oferecida formalmente neste caso. Contudo,



em 2006, a OEN buscou a parceria com o SEBRAE para a realização de capacitação em *desing* de produtos e tingimento natural durante o período de um ano. Deste encontro, grupo foi escolhido entre outros 30 grupos do estado, para fazer parte de um projeto piloto do SEBRAE de comércio justo.

O Comércio Justo e Solidário é uma forma de fortalecimento de empreendimentos urbanos e rurais, formais ou informais, que se encontram em desvantagem ou marginalizados pelo sistema convencional de comércio, com as seguintes características:

- Baseado em relações éticas, transparentes e co-responsáveis entre diversos atores da cadeia produtiva;
- Pressupõe uma remuneração justa e contribui para a construção de relações solidárias no interior da economia;
- Respeita diversidades culturais e históricas e reconhece o valor do conhecimento e imagem das comunidades tradicionais. (SEBRAE, 2007, p. 11)

O grupo foi escolhido pois já apresentava as condições necessárias para ser considerado um empreendimento socialmente justo e ambientalmente correto. A ética e o instinto de apoio ao próximo fazem parte do dia-a-dia da OEN, seja na relação entre as participantes do grupo, seja entre o grupo e os produtores que fornecem as ervas. A OEN costuma comprar em diversas ocasiões ervas de produtores da comunidade, independentemente de terem ou não uma demanda de clientes garantida, apenas para preservar uma renda mínima mensal para estes agricultores.

Os pagamentos aos produtores são realizados à vista de acordo com a produção e a remuneração é feita pelo dobro, do que um atravessador típico da região. Além disto, os produtores trabalham em suas plantações de acordo com suas possibilidades particulares, e as artesãs trabalham na sede da OEN em teares próprios e doados. O trabalho feminino prevalece tanto no artesanato como no plantio das ervas. Na produção, a renda com a venda da erva é destinada a toda a família.

O artesanato conta também com a prática do tingimento natural das fibras de algodão que são utilizadas na tecelagem. São utilizados para este fim: casca de cebola (tom amarelo fechado), urucum (tom laranja), açafraão (amarelo ovo), casca de pinheiro (tom lilás – colhido apenas quando a casca da árvore morre), folha de eucalipto (tom esverdeado) e café (tom marrom). Toda a matéria-prima, excluindo o algodão e o café, provém da própria região e no processo sempre há reciclagem das sobras, economia de energia e cuidados com a água (SEBRAE, 2007).

As artesãs que participam do grupo se sentem muito satisfeitas com o trabalho, e dizem que renda ajuda bastante em casa e com a vantagem de não ter que sair de Galdinópolis para trabalhar. Segundo Cristina Frez:

A nossa dificuldade (...) é a parte das vendas, que seria o mais complicado, mas que agora está ótimo, que a gente ta vendendo tudo que a gente produz. Fica complicado quando você começa a produzir mais do que vende.

O apoio do SEBRAE, até agora, foi mais no setor de *marketing*, através do melhoramento da embalagem e da marca. Também, apoiou a participação em feiras de economia solidária e artesanatos.



Figura 29: Exposição dos trabalhos da Oficina das Ervas Naturais (foto: Marcus Vinícius, 2005)

A expectativa do grupo é tornar-se uma referência na comunidade, mostrando à população local, que é possível melhorar a qualidade de vida dos produtores e artesãos por meio da utilização de práticas produtivas que respeitem o meio ambiente.

Aqui pra Oficina das Ervas se o ambiente não tiver em harmonia, a gente não vai ter material pra trabalhar, então eu acho importante, porque trabalhando com fibra natural tem que estar em harmonia e equilíbrio pra funcionar. (Cristina Frez).

O público-alvo que a OEN atende atualmente é formado principalmente por lojas de produtos naturais. Entretanto, novas possibilidades de expansão dos clientes estão surgindo por meio da venda de erva seca a granel para *spas*, academias, restaurantes e

indústrias farmacêuticas. Os principais consumidores dos produtos da OEN são “pessoas preocupadas com a saúde, bem-estar físico, qualidade de vida, natureza e boas energias.” (SEBRAE, 2007, p. 17).

Desta maneira a OEN também tem se apresentado como uma alternativa sustentável com um potencial grande na região. Mas Galdinópolis possui outras “vocações” que só precisam de incentivos direcionados e capacitações profissionais para fortalecer cooperativas populares e tecnologias apropriadas para a região, como por exemplo, a agricultura orgânica e certificada.

Eu acho que agricultura orgânica. Uma feira inclusive, pra venda produtos orgânicos, que eu acho que tem tudo a ver aqui com nosso espaço, porque a agricultura de grandes lavouras aqui não tem espaço pra isso (...), o pessoal até usa, mas renda acaba que é muito pequena. Porque, sendo produto orgânico você vai conseguir um preço melhor e tem mais a ver com o turismo que está vindo pra região. (Cristina Frez).

O turismo também, quando bem planejado, pode ser uma fonte de renda para a população local, ainda mais considerando que Galdinópolis possui uma paisagem com muitos atrativos, principalmente para o turismo ecológico e rural. Desta maneira, seria necessário todo um apoio institucional que pudesse ajudar a comunidade a desenvolver seus potenciais, seja na agricultura, com o cultivo produtos orgânicos, seja na produção de produtos locais que possam ter um alto valor agregado.

Como a comunidade possui uma tradição agrária, um potencial forte vem da Agroecologia. MENDONÇA (2008), fala sobre a potencialidade da Agroecologia como uma “estratégia para o desenvolvimento socioespacial do Espaço Rural Fluminense”. A partir dos seus estudos a autora concluiu que:

A pequena produção agrícola fluminense, historicamente marginalizada pelas políticas públicas de modernização, ao ser submetida a uma proposta agroecológica, deve resgatar, prioritariamente, conhecimentos pré-modernos de sustentabilidades outras além das regidas pelas leis do mercado da atualidade, o que pode ser uma saída expressiva para uma efetiva ação do poder público na modernização e desenvolvimento, de fato, do espaço rural do estado.

É importante mostrar a ecologistas radicais, que a floresta intocada não gera emprego e renda para a população. Porém, seu uso deve priorizar o manejo sustentável, baseando-se em comunidades tradicionais que há muito sabem da importância da sua sustentabilidade.

Nosso desafio é usar do nosso patrimônio natural e cultural sem destruí-lo e, ao mesmo tempo, possibilitar emprego e renda para a população através dele. Para isso devemos superar a falsa dicotomia entre conservação e desenvolvimento, pois devemos apostar nos estudos que mostram que existem formas de desenvolvimento sem a destruição de culturas e ecossistemas.

Na teia de complexidades relacionadas à floresta em pé, a idéia de floresta de alimentos, de valor agregado do produto orgânico, do resgate de trações pré-modernas e do diálogo aberto entre os agentes



da gestão territorial, pode sim resultar em um amplo processo de desenvolvimento socioespacial sustentável. (MENDONÇA. 2008, p.76).

Galdinópolis possui muitas potencialidades seja na agricultura (Agroecologia, agricultura orgânica), na arte, no artesanato na fabricação de produtos naturais, no ecoturismo e na geração de serviços ambientais. A maioria dos entrevistados concordou que é necessário criar novas atividades econômicas capazes de manter o meio ambiente e ao mesmo tempo permitir a geração de renda e produção de alimentos.

Ao mesmo tempo, considerando a localização estratégica de Galdinópolis, os moradores locais também deveriam receber para produzir água limpa, fazer reflorestamentos e manter a floresta. Cada vez mais, a questão ambiental passa a ser considerada no mundo e o que se vê, é a necessidade de não só conservar a natureza, mas sim fazer com que as áreas naturais possam ser cada vez maiores e mais produtivas. Assim, o foco das mudanças na relação homem e ecossistemas não deveria se ater a criar restrições de uso e ocupação, pois estas ações já seriam direcionadas para o melhoramento ambiental e a valorização da natureza.



## 5.CONCLUSÃO

As informações sobre os processos de criação da legislação ambiental, sua críticas, assim como informações sobre a problemática dos conflitos ambientais e novas apropriações da natureza, nos permite compreender que existe todo um contexto nacional e internacional voltado para resolver o problema da degradação ambiental. Contudo, é possível perceber que existem diversas esferas de concepções sobre meio ambiente e isto gera diversos conflitos. Procuramos analisar esta questão a partir do exemplo da aplicação da legislação ambiental bem como da criação da APA de Macaé de Cima, e os efeitos modo de vida em Galdinópolis. Para isto utilizamos os conceitos que tratam dos conflitos ambientais e das várias formas de preservação e conservação discutidas nas propostas de Etnoconservação e de Reapropriação social da natureza, como respaldos teóricos da análise em questão.

A questão ambiental está presente em todas as escalas, porém é na escala local onde ela precisa ser trabalhada com mais cuidado, pois é onde afeta as populações diretamente. As informações da realidade de Galdinópolis mostraram que a legislação ambiental, apesar de ter causado o aumento das áreas florestadas na região, provocou a diminuição da produção agrícola e a mudança de hábitos tradicionais. Ao mesmo tempo, não foram apresentados à população, outras alternativas de geração de renda e de alimentos, muito pelo contrário, o que se vê são pessoas desamparadas pelas leis e pelos técnicos e excluídas dos processos de tomada de decisão.

A criação da APA de Macaé de Cima tem sido polêmica por conta da falta de informação, embora este tipo de Unidade de Conservação busca conciliar o ordenamento territorial com a conservação ambiental de forma participativa, objetivando gerar o desenvolvimento sustentável das comunidades que estão dentro destas áreas. Sem informação, as pessoas ficam sem saber o que realmente está acontecendo, o que acaba criando um clima de desconfiança e medo.

Com isto, os agricultores tradicionais estão cada vez mais abandonando suas atividades para ingressar em outros serviços que possam garantir uma renda sem ser da agricultura. O êxodo rural dos nativos parece vir acompanhado da chegada de novos moradores forasteiros, preocupados com o bem-estar e a qualidade de vida, e isto também gera toda uma mudança na organização espacial do lugar. Por enquanto, Galdinópolis ainda é considerado por todos, um lugar acima de tudo sossegado. Mas até quando que este sossego vai durar não se sabe. A verdade é que é preciso resgatar antigas tradições, valorizar o que a cultura local tem de positivo e unir isto à uma nova apreciação do espaço rural, voltado para a valorização da biodiversidade e do fortalecimento comunitário.

Criar alternativas econômicas que busquem garantir a geração de renda e a produção de alimentos, dentro de uma perspectiva mais ecológica, também deveria estar no rol de prioridades dos órgãos ambientais. Os agricultores deveriam deixar de ser vistos como os principais destruidores das florestas, e passarem a ser considerados como os melhores aliados na defesa ambiental, uma vez que estas pessoas guardam antigos conhecimentos de como sobreviver dentro de um ecossistema durante séculos e não exauri-lo por completo. É necessário que estas pessoas sejam ouvidas, sejam incluídas no processo de reforma da postura humana sobre o ambiente, como um fator de fortalecimento da cidadania e da igualdade social. Para isto as propostas vindas da Agroecologia e de reapropriação social da natureza encaixam dentro do contexto cultural da agrovila de Galdinópolis e podem oferecer novas oportunidades para a população local.

Resolver os conflitos ambientais é muito mais do que identificar suas causas, é criar condições para uma nova forma de participação social e democrática no campo. Colocar todos os atores envolvidos dentro de um mesmo processo, onde todos possam ser considerados, sem hierarquia e sem preconceito, pois muitas vezes, só porque o agricultor possui pouca instrução formal, ele não é levado a sério em suas opiniões e questionamentos. Há de se criar estratégias locais de participação e de inclusão social nas comunidades rurais, onde estejam presentes aqueles a quem a lei afeta diretamente. Essa participação deve também levar em consideração os modos de vida dessas pessoas e suas concepções sobre meio ambiente. A pura aplicação das legislações somente, muitas vezes termina por criar outros tipos de problemas sociais e também ambientais não desejados e previstos pela lei ambiental.

A criação de restrições, por um lado é legítima no sentido de buscar defender o que ainda sobrou de floresta e incentivar a sua regeneração, principalmente da Mata Atlântica, já tão ameaçada. Por outro lado, a lei é superficial em relação ao manejo sustentável dos recursos florestais e as especificidades de utilização e uso dos recursos locais, principalmente pelos agricultores tradicionais, que passam a ser considerados como criminosos diante da legislação ambiental. Com isto a criação de alternativas sustentáveis se faz urgente. As experiências identificadas em Galdinópolis podem ser consideradas como a semente de um novo conjunto de alternativas econômicas. A floresta em pé, possui inúmeras utilidades, basta que elas sejam descobertas e desenvolvidas, de preferência pelos próprios habitantes locais, em seu benefício.

É possível concluir que Galdinópolis está em pleno processo de transformação, onde os conflitos ambientais e a criação de atividades alternativas estão processando muitas mudanças nas formas tradicionais de apropriação da natureza e no modo como o meio ambiente é encarado. Direcionar estas transformações para um futuro próspero é o



grande desafio para os atores que estão envolvidos no processo: moradores locais, organizações sociais e poder público. Quando todos concordarem de que é possível conservar a natureza e manter as pessoas trabalhando através de atividades mais sustentáveis e ecologicamente corretas, quando forem viabilizadas as condições materiais e simbólicas para criação de um outro desenvolvimento local, aí sim, a natureza poderá ser considerada em toda plenitude. Caso contrário, as palavras ficarão perdidas nas reuniões e os agricultores poderão se esquecer de quem um dia eles foram, pessoas que acordam ao raiar do sol e com o cantar dos passarinhos, que dormem sob a luz do luar ao som dos grilos e que conhecem os segredos da terra e a manha do clima.

## Bibliografia

ACSELRAD, Henri. **As práticas espaciais e o campo dos conflitos ambientais**. In: ACSELRAD, Henri (Orgs.). Conflitos ambientais no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Fundação Heinrich Böll, 2004.

ARAÚJO, Marcelo Castañeda; LIMA, Pedro Higgins Ferreira. **Diagnóstico Sócio-Ambiental de Nova Friburgo**. Prefeitura municipal de Nova Friburgo: Nova Friburgo, 2006, 72p.

BOEF, Walter Simon et al. **Biodiversidade e agricultores: fortalecendo o manejo comunitário**. Porto Alegre: L&M, 2007. 271p.

BOFF, Leonardo. **Ética e Eco-espiritualidade**. Campinas: Versus Editora, 2003, 203p.

BOY, Walison. Ordenamento territorial sócio-ambiental: estudo de caso da APA de Macaé de Cima. **Práticas de Geografia**. Nova Friburgo, ano 3, nº 4, p. 16-22. 2007

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Conselho Nacional de Meio Ambiente. **Resolução CONAMA nº 303, de 20 de março de 2002**. Disponível em <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiano1.cfm?codlegitipo=3&ano=2002>> Acesso em 15/08/2006.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.985**, de 18 julho de 2000. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC, estabelece critérios e normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação. Disponível em: <[http://www.ibama.gov.br/parna\\_itatiaia](http://www.ibama.gov.br/parna_itatiaia)>. Acesso em: 28/09/2006.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 4.771**, de 15 de setembro de 1965. Institui o Novo Código florestal.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 750**, de 10 de fevereiro de 1993. Dispõe sobre o corte, a exploração e a supressão de vegetação primária ou nos estágios avançado e médio de regeneração da Mata Atlântica, e dá outras providências.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 29.213**, de 14 de setembro de 2001. Cria a Área de Proteção Ambiental de Macaé de Cima (APA de Macaé de Cima), no município de Nova Friburgo e dá outras providências.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

DIEGUES, Antônio Carlos. **O Mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec; Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas; USP, 2004. 169p.

\_\_\_\_\_. **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Hucitec; Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas; USP, 2000. 290p.

FERREIRA, Lúcia da Costa. Dimensões Humanas da Biodiversidade: Mudanças sociais e conflitos em torno de áreas protegidas no Vale do Ribeira, SP, Brasil. **Ambiente & Sociedade**. v. 6, n. 1, jan./jun. p. 46-68, 2003.

FÓRUM BRASILEIRO DE ONGs E MOVIMENTOS SOCIAIS PARA O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Brasil 2002: a sustentabilidade que queremos**. Rio de Janeiro: Projeto Brasil Sustentável e Democrático/CUT/FASE, 2002, 200p.

GARAY, Irene; YOUNÉS, Talal. As Dimensões Humanas da Biodiversidade: o Imperativo das Abordagens Integrativas. In: GARAY, Irene; BECKER, Bertha K (Orgs). **Dimensões Humanas da Biodiversidade: o desafio de novas relações sociedade-natureza no século XXI**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006. 57-72p.

GUIMARÃES, R. P. A Ecopolítica da Sustentabilidade em Tempos de Globalização Corporativa. In: BECKER, B. K.; GARAY, I. **Dimensões Humanas da Biodiversidade. O desafio de novas relações sociedade-natureza no século XXI**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006

INSTITUTO PAULO FREIRE. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org/cartat.htm>>  
Acesso em: 28/04/2007

ISA – INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Dossiê Mata Atlântica: Projeto Monitoramento Participativo da Mata Atlântica**. Brasília, 2001, 409p.



LASCHEFSKI, Klemens; COSTA, HeloisaSoares de Moura. Segregação social como externalização de conflitos ambientais: a elitização do meio ambiente na APA-Sul, Região Metropolitana de Belo Horizonte. **Ambiente & Sociedade**. Campinas, v. XI, n. 2, p. 307-322, jul/dez, 2008.

LASCHEFSKI, Klemens; ZHOURI, Andrea. Agrocombustíveis para quem? Notas sobre o debate e os conflitos ambientais. **Anais...**, XXVIII International Congress of the Latin American Studies Association. Rio de Janeiro, Brasil, junho 11-14, 2009.

LEFF, Enrique. O movimento ambiental pela reapropriação social da natureza: seringueiros, zapatistas, afro-descendentes e povos indígenas da América Latina. In: LEFF, Enrique. **Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza**. Trad. Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 453-513p.

LINO, Clayton F; ALBUQUERQUE, João L. (Orgs.). **Mosaicos de Unidades de Conservação no corredor da Serra do Mar**. Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica: São Paulo, 2007. 96 p.

MAYER, Jorge Miguel. **As raízes e crise do mundo caipira: o caso de Nova Friburgo**. Niterói, 2003. Tese (Doutorado em História). Curso de pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2003.

\_\_\_\_\_. Plantas: um campo a semear. **Revista Saúde e Educação**. Nova Friburgo, v. 3, n. 14, 1998.

MEDEIROS, Rodrigo. Evolução das tipologias e categorias de áreas protegidas no Brasil. **Ambiente & Sociedade**, v.9, n.1, p. 41-64, jan./jun. 2006.

MENDONÇA, Livia Ferreira. **Agroecologia como Estratégia para o Desenvolvimento Socioespacial do Espaço Rural Fluminense: Políticas públicas sustentáveis, pesquisa e ensino integrados no estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2008, 80p. Monografia (em Geografia), PUC, 2008.

OLIVEIRA, Rogério Ribeiro. Sustentados pela floresta: populações tradicionais e a Mata Atlântica. In: RUA, João (Org.). **Paisagem, espaço e sustentabilidades: perspectiva multidimensional da geografia**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2007, 330p.

PEDROSO JÚNIOR, Nelson Novaes; MURRIETA, Rui Sérgio Sereni; ADAMS, Cristina. A agricultura de corte e queima: um sistema em transformação. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**. Belém, v.3, nº2, p. 153-174, mai-ago. 2008

PIZZATTO, Luciano. **Carta do Zé agricultor para Luis da cidade**. 2008. Disponível em: < <http://noticias.ambientebrasil.com.br/noticia/?id=41996> >. Acesso no dia 01/06/2009.

REGO, Virgínia. **Reflexões sobre um conflito na Área de Proteção Ambiental Estadual Macaé de Cima (RJ)**. Disponível em: < <http://www.ivtrj.net/sapis/2006/pdf/VirginiaRego.pdf> >. Acesso em: 03/03/2009

RIBEIRO, Wagner Costa. Geografia Política e recursos naturais. **Mercator** - Revista de Geografia: UFC, ano 3, n. 5, p. 73-78, 2004.

ROCHA, R. **Minidicionário**. São Paulo: Scipione, 1996.

RUA, João (Org.). **Paisagem, espaço e sustentabilidades: perspectiva multidimensional da geografia**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2007, 330p.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2007. 174p.

SAYAGO, Doris; BURSZTYN, Marcel. A Tradição da Ciência e a Ciência da Tradição: Relações entre Valor, Conhecimento e Ambiente. In: GARAY, Irene; BECKER, Bertha K. (Orgs). **Dimensões Humanas da Biodiversidade: o desafio de novas relações sociedade-natureza no século XXI**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006. 89-109p.

SEATTLE (Chefe índio). **Preservação do meio ambiente: manifesto do Chefe Seattle ao presidente dos E.U.A.** Trad. Magda G. K. Costa. São Paulo: Babel Cultural, 1987, 47p.

SEBRAE/RJ – PROJETO: ÉTICA NA ETIQUETA. **Oficina das Ervas Naturais: Galdinópolis-Nova Friburgo**. Rio de Janeiro: SEBRAE/RJ, 2007. 55p.

SEMADS-SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. Bacias Hidrográficas e Rios Fluminenses: Síntese Informativa por Macrorregião Ambiental. Rio de Janeiro: SEMADS, 2001. 73p.

SOS Mata Atlântica. Disponível em: <[www.sosmataatlantica.org.br](http://www.sosmataatlantica.org.br)>. Acesso em 05/04/2009

TOURINHO, L. A. M.; PASSOS, E. O. O Código Florestal na pequena propriedade rural: um estudo de caso em três propriedades na Microbacia do Rio Miringuava. Revista RA'E GA. UFPR: Curitiba, n. 12, p. 221-233, 2006.

VEIGA, José Eli. **O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2006, 17p.

YOUNÉS, Talal. Ciência da Biodiversidade: Questões e Desafios. In: GARAY, I.; DIAS, B. (Orgs.). **Conservação da Biodiversidade em Ecossistemas Tropicais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. 29-42p.



## **ANEXO**

## ROTEIRO DE ENTREVISTAS

### 1. Família

- Quantas pessoas?
- Quantos residem no local? Mesmo espaço (casa, terreno) ou não?
- Qual origem?
- Mora a quanto tempo no local? Quantas gerações?
- Fonte de renda (o que considera mais importante)?
- Qual o tamanho da tamanho da terra?

### 2. Modo de produção

- O que se produz?
- Como se produz?
- Quem utiliza a produção?
- É realizada alguma venda?
- Como se dá a participação no mercado?
- Como se dá a participação da família?

### 3. Quem ensinou o modo de produção?

4. Já houveram atividades incentivadas por órgãos do governo? Se, sim, como foi?

5. Quais são as perspectivas futuras, principalmente para os filhos? Como isto é avaliado?

6. Quais são as vantagens, problemas e perspectivas de se viver no local?

7. Já ouviu falar sobre meio ambiente? O que acha?

8. Existem atividades ligadas ao meio ambiente, ecologia? Quais?

9. O que você faz pelo meio ambiente?

10. O que já ouviu sobre as políticas públicas (realizadas por órgãos como IBAMA, MMA, IEF, Prefeitura)? Já participou? Achou positivo ou negativo?

11. O que sabe sobre a APA de Macaé de Cima? Você sabe o que pode e o que não pode fazer? O que acha disto?

12. Você já teve problemas com algum destes órgãos? Se sim: Por quê? Como se resolveu?

13. O que acha das propostas do zoneamento ecológico-econômico (turismo, conservação ambiental e agroecologia)?

14. Já houve alguém na comunidade explicando tais propostas?

15. Você já realiza alguma atividade destas? Se sim, por quê? Se não, por quê?